



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA**

INSTITUTO DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS

MANUEL JESUS MOREIRA BORGES

PANDEMIA E EDUCAÇÃO:

Experiência dos(as) professores(as) da Escola indígena Manoel Francisco dos Santos.

REDENÇÃO-CE

2021

MANUEL JESUS MOREIRA BORGES

PANDEMIA E EDUCAÇÃO:

Experiência dos(as) professores da Escola indígena Manoel Francisco dos Santos.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado Pleno em Ciências Biológicas. Orientadora: Profa. Dra. Mara Rita Duarte de Oliveira

REDENÇÃO-CE

2021

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Borges, Manuel Jesus Moreira. B73p

Pandemia e educação: experiência dos professores da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos / Manuel Jesus Moreira Borges. - Redenção, 2021.
38f: il.

Outro - Curso de Ciências Biológicas, Instituto de Ciências Exatas e da Natureza, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2021.

Orientador: Prof. Dra. Mara Rita Duarte de Oliveira.

1. Ensino à distância. 2. Professores indígenas. 3. Ensino fundamental. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 371.35

MANUEL JESUS MOREIRA BORGES

PANDEMIA E EDUCAÇÃO:

Experiência dos(as) professores(as) da Escola indígena Manoel Francisco dos Santos.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado Pleno em Ciências Biológicas. Orientadora: Profa. Dra. Mara Rita Duarte de Oliveira

Defesa em: 25/08/2021

Banca Examinadora



Orientadora

Prof. Dra. Mara Rita Duarte de Oliveira
Instituto de Ciências Exatas e da Natureza

- Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB)



Membro Externo

Prof. Dra. Maria do Socorro da Costa Coelho
Instituto de Ciências da Educação
Universidade Federal do Pará (UFPA)



Membro Interno

Prof. Dra. Larissa Deadame de Figueiredo Nicolete
Instituto de Ciências da Saúde

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB)



Prof Esp. Antonio Nilton Gomes dos Santos

Membro Externo: Mestrando do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em
Humanidades – MIH da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-
brasileira

Prof da Escola indígena Manoel Francisco dos Santos
Indígena Kanindé

REDENÇÃO-CE

2021

DEDICATÓRIA

A minha família especialmente para minha mãe!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço aos meus pais, graças a eles cheguei até essa etapa na minha vida me concebendo desde de o dom da vida, carinho, alimentação. A minha Mãe Adelaide da Veiga Moreira que sempre me apoiou dando palavras de incentivo me encorajando a enfrentar as adversidades da vida; ao meu Pai Francisco Mendes Borges que contribui para meus estudos.

À Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, corpo docente e gestão, que proporcionou um estudo com qualidade.

A minha orientadora, a professora Dra. Mara Rita Duarte de Oliveira, pelo suporte sempre que necessário, pelas orientações, correções e incentivos. Agradeço-lhe por fazer parte do meu aperfeiçoamento e desenvolvimento intelectual. Agradeço-lhe pelo tempo dispensado em mim.

Aos meus irmãos Cláudia, Admilson, Lenira, Paulo e Diogo e demais familiares que contribuíram diretamente ou indiretamente na minha formação acadêmica e formação pessoal.

Aos meus amigos de infância que me tem um lugar reservado no meu coração e aos meus amigos que conheci na UNILAB, meus companheiros de batalha: Ari, Mamadu, Isaú, Paulo entre outros.

Ao povo de Kanindé pelo consentimento deste trabalho, em especial ao Prof. Nilton Canindé e aos demais professores(as) que participaram na entrevista me ajudando a alcançar os meus objetivos.

*"A educação tem raízes amargas, mas os seus frutos são doces."
(Aristóteles)*

RESUMO

Diante o cenário pandêmico a educação brasileira se encontrou num momento desafiador com mudanças drásticas nas atividades humanas, a rápida proliferação do vírus da *Covid-19*, fez com que as escolas suspendessem as suas atividades presenciais adotando a atividades remotas visando conter o contágio da doença por meio de aglomeração, assim o ensino remoto foi necessário para suprir as práticas educativas e manter o distanciamento social. Os(as) Professores(as) indígenas tiveram que adaptar o novo contexto escolar usando das TDIC para elaboração e aplicação das suas atividades e realização do processo de ensino e aprendizagem. O presente trabalho foi desenvolvido com Professores(as) indígenas que atuam no Ensino Fundamental na escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, no município de Aratuba no estado de Ceará na comunidade de Fernandes. conta com os objetivos de analisar as dificuldades encontradas pelos professores(as) indígenas dentro do modelo de ensino remoto para a realização do trabalho pedagógico, nos anos iniciais do ensino fundamental (2º ao 5º ano); Compreender qual o impacto da pandemia na educação escolar indígena a partir do olhar dos(as) professores(as); Identificar as estratégias/metodologias de ensino utilizadas pelos(as) professores(as) indígenas no ensino remoto nos anos de 2020 e no primeiro semestre de 2021 para ministrarem suas aulas e desenvolverem outras atividades pedagógicas em sala de aula virtual ou fora da sala de aula. O trabalho de abordagem qualitativo foi desenvolvido a partir da aplicação de um formulário eletrônico e contou com a participação de 06 (seis) professores(as) do ensino fundamental da Escola indígena Manoel Francisco dos Santos na comunidade Sítio Fernandes do município de Aratuba, localizado na região do Maciço de Baturité Ceará. Na elaboração desta pesquisa tomamos como principais referências teóricas os seguintes autores: Xavier (2018), Luciano, (2006), Gomes (2012). Os resultados da pesquisa indicaram que os(as) professores(as) encontram dificuldades no acesso à internet, dificuldades de manusear as Ferramentas TDIC, acesso à internet por parte dos alunos, apresentam problema como ansiedade, insegurança e dificuldades de utilização das TDIC, entretanto desenvolvem todo seu trabalho pedagógico buscando alternativas para atender as necessidades dos alunos e alunas, assim como participação de curso de formação continuada para estarem mais aptos à docência em tempos de pandemia. Observa-se o empenho e dedicação ao fazer docente de todos(as) professores(as) entrevistados(as).

Palavras-chave: Covid-19. Ensino Remoto. Tecnologias Digitais. Escola Indígena. Ensino Fundamental.

ABSTRACT

In view of the pandemic scenario, Brazilian education found itself at a challenging time with drastic changes in human activities, the rapid proliferation of the Covid-19 virus, caused schools to suspend their face-to-face activities by adopting remote activities in order to contain the spread of the disease by means of agglomeration, so remote teaching was necessary to supply educational practices and maintain social distance. Indigenous Teachers had to adapt the new school context using the TDIC to design and apply their activities. The present work was developed with Indigenous Teachers who work in Elementary School at the Indigenous School Manoel Francisco dos Santos, in the municipality of Aratuba, state of Ceará the objectives of analyzing the difficulties encountered by indigenous teachers within the remote teaching model to carry out pedagogical work, in the early years of elementary school (2nd to 5th grade); Understand the impact of the pandemic on indigenous school education from the perspective of teachers; Identify the teaching strategies/methodologies used by indigenous teachers in remote education in 2020 and in the first semester of 2021 to teach their classes and develop other pedagogical activities in the virtual classroom or outside the classroom . The work with a qualitative approach was developed from the application of an electronic form and had the participation of six elementary school teachers from the Manoel Francisco dos Santos Indigenous School in the Sítio Fernandes community in the municipality of Aratuba, located in the Maciço region. of Baturite. The survey results indicated that teachers face difficulties in accessing the internet, difficulties in handling the TDIC Tools, internet access by students, psychological problems such as anxiety and insecurity. The present work had as main theoretical references the following Authors: Xavier (2018), Luciano, (2006), Gomes (2012). The survey results indicated that teachers find difficulties in accessing the internet, difficulties in handling the TDIC Tools, internet access by students, they present problems such as anxiety, insecurity and difficulties in using TDIC, however develop all their pedagogical work looking for alternatives to meet the needs of students, as well as participation in a continuing education course to be more apt to teaching in times of pandemic. The commitment and dedication to teaching of all interviewed teachers is observed.

Keywords: Covid-19. Remote Teaching. Digital Technologies. Indigenous School. Elementary School.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 Metodologia de Pesquisa: Percurso, Técnico e Métodos de Coleta de Dados.....	14
3 O povo Kanindé e a aldeia indígena Fernandes.....	15
3.1 Educação formal na aldeia	16
3.2 A escola indígena Manoel Ferreira dos santos.....	17
4 Os(as) professores(as) indígenas e o contexto da pandemia	20
4.1 O perfil dos docentes entrevistados.....	21
4.2 Vozes docentes: a pandemia e a realidade dos professores(as) indígenas Kanindé.....	21
5 Considerações Finais.....	31
Referências bibliográficas.....	32
Apêndices.....	37
Apêndice A - Termo de consentimento	37
Apêndice B - Roteiro de Entrevista.....	38

1 INTRODUÇÃO

Em dezembro de 2019 cidade de Wuhan, na China, surgiram os primeiros casos de um novo coronavírus, conhecido como *SARS-COV-2* siglas que significa *severe acute respiratory syndrome coronavirus 2* (síndrome respiratória aguda grave de Coronavírus 2), doença chamada de *Covid-19*, a Organização Mundial da Saúde (OMS) classificou a nova patologia como pandêmica (LANA et al., 2020). A propagação do vírus *SARS-CoV-2*, desencadeando o isolamento social com a tentativa de conter a rápida disseminação do vírus com Dezanove milhões quatrocentos e setenta e três mil novecentos e cinquenta e quatro números confirmado de infetados e Quinhentos e quarenta e cinco mil seiscentos e quatro mortes confirmado no Brasil (OMS, 2021). A saúde física e mental tornou-se um fator importante para o desempenho dos(as) Docentes para exercer as suas atividades acadêmicas em face ao novo contexto de ensino remoto.

Com a chegada da *Covid-19* no Brasil, em fevereiro de 2020, houve a necessidade de uma quarentena, um isolamento social com objetivo de frear a rápida proliferação do vírus da *Covid-19* que se agravou com as aglomerações em todo País. Em 16 de Março de 2020, o Governo do Estado do Ceará decretou situação de emergência através da criação da resolução Nº 33.510, com o objetivo de conter o avanço do novo coronavírus. A partir disso, todas as instituições educacionais tiveram que suspender suas atividades presenciais, evitando a propagação do vírus nas escolas e nas universidades (CEARÁ, 2020).

O isolamento social fez com que escolas suspendessem suas atividades presenciais, adotando aulas remotas. Levando em consideração a enorme desigualdade social e de acesso a ferramentas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), a familiaridade dos Docentes com as ferramentas tecnológicas de ensino e aprendizagem deve-se levar em consideração, o nível socioeconômico do país, diferenças significativas de conectividade entre as regiões brasileiras e entre os meios rural e urbano. Esta assimetria também pode ser observada entre escolas privadas e públicas. Uma implementação efetiva e equitativa do ensino a distância deve considerar todos esses aspetos (MUÑOZ, 2020).

Diante de um cenário jamais vivenciado, as escolas de todo país tiveram que se adaptar ao novo contexto educacional. Professores(as), crianças, jovens e adultos tiveram que recorrer a aparatos tecnológicos para se adequar ao novo sistema de ensino, aulas remotas mediadas por tecnologias digitais de informação e Comunicação (TDIC). Perante a pandemia os(as)

professores(as) começaram a encarar um novo desafio ampliando as responsabilidades e exigências sobre suas atividades profissionais dentro e fora da escola. Numa sociedade onde a realidade econômica de muitos alunos não possibilita a obtenção de equipamentos eletrônicos e o acesso à internet, colocando em evidência a desigualdade social ¹ existente no país que pode afetar diretamente na educação e formação dos alunos em situação de vulnerabilidade econômica. A falta de políticas públicas capazes de amenizar a situação é algo preocupante para o desenvolvimento educacional brasileiro (PEREIRA, 2021 p. 36).

Com base nas reflexões apresentadas anteriormente, o presente estudo justifica-se como uma tentativa de compreender os desafios e experiências encontradas pelos Professores(as) indígenas nos anos iniciais do ensino fundamental (2º ao 5º ano) na Escola indígenas Manoel Francisco dos Santos, em tempos pandemia, seu reflexo na educação, nas aulas remotas mediadas pelas TDIC, a partir das vozes desses(as) professores(as) indígenas. Com a situação vivenciado em momento de pandemia com os desafios do ensino em todos os aspectos sociais, frente ao cenário da desigualdade, a má distribuição de verbas para as escolas e a ausência de políticas públicas efetiva no combate a *COVID-19* pelo Governo Federal, cada Estado teve que buscar se adaptar a esta situação pandêmica e no combate ao vírus.

Esse trabalho apresenta como objetivo geral: Analisar as dificuldades encontradas pelos professores(as) indígenas dentro do modelo de ensino remoto para a realização do trabalho pedagógico, nos anos iniciais do ensino fundamental (2º ao 5º ano); e conta com os objetivos específicos: Compreender qual o impacto da pandemia na educação escolar indígena a partir do olhar dos(as) professores(as); Identificar as estratégias/metodologias de ensino utilizadas pelos(as) professores(as) indígenas no ensino remoto nos anos de 2020 e no primeiro semestre de 2021 para ministrarem suas aulas e desenvolverem outras atividades pedagógicas em sala de aula virtual ou fora da sala de aula.

Dentro desse cenário como afirma Oliveira (2021):

É preciso compreender que não podemos simplesmente ignorar o que ocorre ao nosso redor; a transformação do cenário escolar em tempos de pandemia, a mudança do conceito de presencialidade, e os novos tempos e espaços de ensinar e aprender coloca o (a) docente a necessidade de superar o antigo modelo GLS (Giz, Lousa e Saliva e acompanhar o avanço tecnológico e midiático). (OLIVEIRA et al, 2021 p.20)

¹ Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/02/08/pandemia-aprofundada-ainda-a-desigualdade-entre-os-brasileiros-em-relacao-a-educacao.ghtml>>

E nesta realidade atual que se processa a educação indígena, diferentemente de outros contextos escolares, os(as) educadores(as) indígenas reinventarem cotidianamente na relação de ensino e aprendizagem entre professores/alunos.

Neste sentido, a educação escolar indígena depara-se com uma situação onde põe em pauta a capacitação dos professores e a situação socioeconômica dos alunos a fim de entender a situação vivenciada nessas escolas, torna-se válido e de suma importância um levantamento de dados numa escola indígena, já que: A escola pode ser um lugar privilegiado de formação, de conhecimento e cultura, valores e identidades das crianças, adolescentes, jovens e adultos. Não para fechar-lhes horizontes, mas para abri-los ao mundo desde o campo, ou desde o chão em que pisam. Desde suas vivências, sua identidade, valores e culturas, abrir-se ao que há de mais humano e avançado no mundo (CALDART, 2010, p. 14).

Entretanto, temos que ponderar que um grupo social deve ser respeitado em sua especificidade dos sujeitos que têm direito ao acesso à educação, em qualquer tempo da sua vida. A EAD (ensino a distância) não é técnica de ensino, mas uma modalidade de ensino prevista pela Lei de n. 9394/96. Logo, para que a escola indígena incorpore esses novos traços da educação, faz-se necessário suporte tecnológico, pedagógico, estrutural e financeiro.

Destacamos que nas aulas remotas recomenda-se que se use o acesso síncrono, ou seja, aula transmitida em tempo real com interatividade contínua no tempo e no espaço virtual. Pois, isso é uma aula presencial, utilizando o mesmo tempo pedagógico, mas usando o espaço virtualizado. Nessas aulas são usados diferentes TDIC, a mais usada no momento é *google meet*, mas temos o próprio *Whatsapp* que permite chamada com várias pessoas ao mesmo tempo. O professor escolhe o aplicativo mais apropriado para as atividades relacionadas à sua disciplina e conteúdo. Para isso é necessário equipamentos tecnológicos e internet de boa qualidade tanto para alunos(as), quanto para professores(as)

Também definimos algumas questões importantes sobre o processo formativo dos alunos(as), principalmente dos anos iniciais do ensino fundamental, que se encontram em processo de domínio da leitura e da escrita. Esse desafio toma uma dimensão maior na realidade indígena. Por isso, optamos em fazer um estudo sobre essa realidade educacional diferenciada, apesar das adversidades impostas pelo contexto pandêmico fizemos um esforço intelectual para a realização da pesquisa, porém, nada disso seria possível sem a contribuição especial do Prof. indígena Nilton Kanindé² e dos demais professores e professoras.

² Nossa gratidão.

Deste modo, optamos em apresentar os resultados dessa pesquisa da seguinte forma. A primeira seção dedicamos ao percurso metodológico da pesquisa, na segunda seção apresentaremos o lócus de pesquisa, o povo Kanindé e a Escola indígena Kanindé e na terceira seção faremos análises das entrevistas dos professores e professoras indígenas sobre suas percepções, análises sobre o impacto da pandemia na educação escolar indígena a partir do olhar desses(as) professores(as), identificando quais as estratégias/metodologias de ensino utilizadas pelos(as) professores(as) indígenas no ensino remoto nos anos de 2020 e no primeiro semestre de 2021 para ministrarem suas aulas e desenvolverem outras atividades pedagógicas em sala de aula virtual ou fora da sala de aula. Na sequência apresentaremos as Considerações finais e as referências, assim como os anexos que compõem o presente estudo.

2 METODOLOGIA DE PESQUISA: PERCURSO, TÉCNICO E MÉTODOS DE COLETAS DE DADOS

A elaboração do conhecimento científico requer uma investigação na qual as etapas de seu desenvolvimento sejam metódicas e sistemáticas. Nisso o pesquisador, necessita fazer recortes teóricos e metodológicos sobre estratégias que definam os instrumentos utilizados no processo de estudo da realidade pesquisada. Isto posto, o estudioso precisa aprimorar uma sensibilidade crítica para aspetos subjacentes dentre os sujeitos da investigação.

Por conseguinte, o estudo desenvolvido tem por base a pesquisa qualitativa, por tratar de realidades que não podem e não devem ser quantificadas, ou seja, “que trabalha com o universo de significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 1994, p. 21).

A metodologia utilizada neste estudo foi o Estudo de caso, que segundo Godoy (1995) “o propósito fundamental do estudo de caso (como tipo de pesquisa) é analisar intensivamente uma dada unidade social” (GODOY, 1995 p. 25). Permitindo assim um embasamento maior na compreensão da realidade da comunidade e na educação indígena na pandemia através dos(as) Docentes indígenas na Escola indígenas Manoel Francisco dos Santos.

A pesquisa conta com um caráter exploratório de abordagem qualitativa, “a abordagem qualitativa está no modo como interpretamos e damos significados ao analisarmos os fenômenos abordados sem empregar métodos e técnicas estatísticas para obter resultados sobre o problema ou tema estudado” (REIS, 2012, p. 61). Esse método permite uma reflexão sobre a situação vigente da educação brasileira, mas concretamente na Escola indígena Manoel Francisco dos Santos diante a pandemia de *COVID 19* analisando os(as) Docentes indígenas.

Na coleta de dados foi usado o formulário na plataforma *Google Formulários*, no qual apresentamos o termo de consentimento livre esclarecimento e as perguntas de pesquisa, organizada em roteiro simples de 06 (seis questões). O formulário foi disponibilizado para os(as) professores(as) indígenas que atuam no ensino Fundamental no dia 20 de junho de 2021, que se disponibilizaram a participar da pesquisa.

Após a devolutiva dos(as) professores(as) iniciamos um conjunto de análises das entrevistadas fundamentadas em autores indígena e não indígenas.

3 O POVO KANINDÉ E A ALDEIA INDÍGENA FERNANDES

Ao longo do processo histórico da sociedade brasileira, partiu de um pressuposto de formação de uma sociedade ideal num modelo eurocêntrico, nas vertentes culturais, religiosas impostas na sociedade com visão de superioridade europeia e a fé Cristã, desencadeando uma discriminação étnico-cultural e religiosa dos povos indígenas e Africanos, que sofreram pelo processo de colonização.

O povo Kanindé está localizado na aldeia Sítio Fernandes e Aldeia Balança, a seis quilômetro do município de Aratuba e a cento e quarenta quilômetros da capital do estado do Ceará Fortaleza. O povo Kanindé é uma etnia de resistência/sobrevivência e de afirmação étnico-cultural, se encontra dividido em três aldeias entre serra e sertão: localizada no município de Canindé na aldeia Gameleira e no município de Aratuba as aldeias Fernandes e Balança.

A tradição dessa etnia era de chamar o seu povo pelo nome de seu chefe. Assim, quando Janduí faleceu, seu sucessor foi Canindé, chefe e guerreiro destacado. A partir de 1995, com a reivindicação de identificação e afirmação étnico-cultural, os descendentes da etnia chefiada por Canindé passaram a utilizar o etnônimo Kanindé (GOMES, 2012). A população do povo Kanindé estima-se aproximadamente em 1.279 indígenas aldeados e desaldeados (SIASI-DISEI, 2021).

A atual comunidade da localidade de Fernandes, antiga “Terra da Gia”, município de Aratuba-CE, é habitada por descendentes/remanescentes do povo Kanindé, pertencentes ao grupo étnico dos Tarariús, que circulava e habitava áreas adjacentes à bacia hidrográfica dos rios Choró, Quixeramobim e Banabuiú. (XAVIER, 2018, p. 19).

A aldeia localizada na comunidade de Fernandes, segundo Xavier (2018) está organizado na seguinte forma:

Os Kanindés de Aratuba-CE possuem como líderes: o senhor José Maria Pereira dos Santos, o cacique Sotero, representando a defesa do território e de seu povo Kanindé; Manoel Constantino da Souza, o pajé Maciel, líder espiritual, responsável por manter viva a memória, o legado histórico-cultural da etnia e o curandeirismo com base no conhecimento de ervas e plantas medicinais; e José Cícero Pereira dos Santos, o Cícero, liderança viva do povo Kanindé, que fundou a Associação Indígena Kanindé de Aratuba (Aika) em 19 de outubro de 1998, que busca e defende o reconhecimento étnico-cultural e os direitos sociais do povo Kanindé permanentemente. (XAVIER, 2018 p.10).

As lideranças indígenas do povo Kanindé e os mais velhos da Comunidade Fernandes são responsáveis por manter a cultura viva. Segundo a Silva (2016) os mais velhos são considerados como guardiões da memória por serem considerados as pessoas com mais informações, pois sendo mais velhas, as que têm mais história e mais memória do passado. (Silva, 2016 p.13). Segundo Gomes (2012) "uso da memória social entre o povo Kanindé, vinculam-se a determinadas categorias nativas e narrativas utilizadas por eles para a constituição de identificações que remetem a uma reinterpretação do passado como construção social da etnicidade" (GOMES, 2012, p. 120).

A educação informal indígena que lhes garante a preservação da sua identidade étnica segundo Luciano (2006), "as formas de educação que desenvolvem lhes permitem continuar a ser eles mesmos e transmitir suas culturas através das gerações" (LUCIANO, 2006, p. 130). A Educação informal indígena é de uma forma empírica, são transmitidos oralmente de geração em geração, permitindo a formação de músicos, pintores, artesãos, ceramistas ou cesteiros, além de outros saberes como: cultivar a terra e a arte de caçar e pescar.

3.1 Educação Formal nas Aldeias indígenas.

A Educação formal foi fruto de um etnocentrismo cultural da classe dominante, foi usada como ferramenta de assimilação e aculturação por jesuítas, na tentativa de disseminar o catolicismo e catequizar indígenas, e isso perdurou aproximadamente de 1530 até a Constituição do Brasil de 1891, período onde ocorreu a separação entre o Estado e a igreja. Tendo em vista esses fenômenos, a escola diferenciada indígena é vista como uma vitória para esse povo para garantir sua identidade étnico-cultural, essa educação escolar indígena, segundo Luciano (2006):

Educação escolar indígena refere-se à escola apropriada pelos povos indígenas para reforçar seus projetos socioculturais e abrir caminhos para o acesso a outros conhecimentos universais, necessários e desejáveis, a fim de contribuir com a capacidade de responder às novas demandas geradas a partir do contato com a sociedade global. (LUCIANO, 2006, p. 129)

As Escolas indígenas têm como finalidade, manter a sua identidade e a sua cultura. Professores usam práticas educativas específicas para elaboração das suas aulas, a escola diferenciada foi fruto de uma grande resistência do povo indígena afirma, como Franco (2018) "a escola indígena é dialeticamente interpretada como lugar de ancestralidade, interculturalidade e resistência étnica" (FRANCO et. al, 2018, p.100).

A educação diferenciada tendo em ênfase a realidade sociogeográfico e étnico-cultural não foi facilmente aceite:

No final dos anos de 1970 e início dos anos de 1980 multiplicam-se as organizações governamentais e não governamentais de apoio aos índios. Nasce também a primeira organização indígena de âmbito nacional, a (UNI), a partir da qual se formam outras organizações regionais ou étnicas. São frequentes os "Encontros de Educação Indígena". Foram escritos muitos documentos desses encontros, com reivindicações por escolas diferenciadas e Declarações de Princípios. (CAMARGO & ALBUQUERQUE, 2003).

Segundo Lima (2015) "A criação das primeiras escolas no Brasil na década de 90, a proposta não era reconstruir a identidade indígena perante a sociedade e sim dar continuidade ao processo do colonizador em tornar os Indígenas cidadãos brasileiros e civilizados" (LIMA, 2015 p.2). A tentativa de assimilar as escolas a um padrão e homogeneização sem levar em consideração os fatores socioculturais e geográficos de cada região do país é um fenômeno a ser combatido. Através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB), garantiu o direito à Educação Escolar Indígena através dos Artigos 78 e 79 (BRASIL, 1993).

3.2 A Escola Indígena Manoel Ferreira dos Santos

A Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos teve uma longa história de luta/resistência para a sua aceitação e implantação, uma escola que tem uma proposta diferenciada com um caráter identitário. A iniciativa de criar uma escola regular para o povo Kanindé em Sítio Fernandes de Aratuba-CE, teve a participação dos professores Suzenilton Santos e Terezinha Barrozo e da liderança Benício Lourenço, que desde o ano de 1999 já vinham ensinando em suas próprias residências e em residências de famílias locais na comunidade (XAVIER, 2018 p.30). Os(as) professores(as) Suzenilton e Terezinha Buscaram incansavelmente uma escola regular para o povo de Kanindé, os mesmos trabalharam dois anos voluntariamente.

O início da educação para o povo indígena Kanindé foi muito difícil, principalmente porque foi marcado por um intenso processo de lutas e resistência. Lutas contra as invasões de seu território tradicional, que a todo custo queriam invadir o território e acabar com seus processos culturais e educacionais e principalmente contra as tentativas da negação da identidade em aceitarem-nos como indígenas Kanindé. Foi partindo de todo esse processo que o povo Kanindé buscou implantar a sua formação educacional diferenciada e específica para suprirem suas necessidades criando uma “escola do nosso jeito”, só assim os índios Kanindé amenizariam o grande preconceito que assolava a comunidade vinda de outros segmentos da sociedade envolvente e também, muitas das vezes, dentro da própria comunidade (CEARÁ, 2015, p. 10).

Após participarem de um seminário no CETREX (Centro de Treinamento em Extensão Rural), em Caucaia, sobre educação escolar indígena no Ceará no ano de 2003, os professores Suzenilton Santos, Terezinha Barrozo e a liderança Benicio Lourenço, retornando para a aldeia, evocaram outras lideranças indígenas para uma reunião na comunidade onde foi discutida a ideia de formarem duas salas de aula de jovens e adultos onde os professores indígenas Kanindé escolhidos foram os mesmos Suzenilton Santos e Terezinha Barrozo (PPP, 2015, p. 10).

Diante de vários preconceitos, a comunidade/escola vinha lutando pelo seu espaço, enfrentando muitas dificuldades para reconhecimento, após muitas negociações a coordenadora da CREDE-8 (Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação) aceitou a implementação da escola indígena. Com condições físicas da escola precárias e sem merenda, continuaram na luta reivindicando a sua escola (PPP, 2015 p. 12).

Sofríamos preconceito por parte de alguns funcionários da escola municipal que não aceitavam a ideia de estarmos ocupando um espaço que por direito já era nosso, mais isso só fortalecia a nossa luta, criávamos mais coragem para lutar por nossos direitos e buscamos juntos aos órgãos competentes que fossemos, pois, as lideranças que tomar essa atitude para que fosse aceita a ideia de ocupar o espaço escolar. (cacique Sotero) (PPP, 2015 p. 12).

Vendo a determinação do povo de Kanindé com extensa história de resistência e autoafirmação, a secretaria de Educação aceitou a saída dos alunos Kanindé nas escolas municipais para frequentar a escola indígena.

Com passar do tempo, houve uma demanda necessitando assim de abrir mais duas turmas, pois na medida em que o povo ia se autoafirmando houve então a necessidade de unificar as três escolas, foi dessa ideia então que nasceu a já constituída escola indígena Manoel Francisco dos santos, buscando resgatar a cultura visando formar cidadãos críticos conscientes de seu papel na comunidade diante da sociedade envolvente (PPP, 2015, p. 12).

A Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, situada na localidade de Fernandes, inaugurada oficialmente no dia Cinco de agosto de 2006, com o objetivo de dar continuidade a

cultura do povo; alfabetizar e fazer com que todos conheçam a história da comunidade indígena e suas origens; ofertar acesso à educação na própria comunidade e não saísse para a cidade se preparando para o futuro (PPP, 2015 p.10).

A estrutura da escola está organizada:

Consta nos registros da escola indígena Manoel Francisco dos Santos um total de 14 turmas onde são distribuídos os 160 alunos matriculados. (conforme senso). A estrutura física da escola indígena Manoel Francisco dos Santos atualmente depois de ter passado por uma reforma, ainda continua com o seu formato duplex, conta agora com 07(sete) salas de aula, 01(uma) sala de aula para alunos especiais, 01(uma) diretoria, 01(uma) biblioteca, 01(um) laboratório de informática, 01(um) auditório, 04(quatro) banheiros coletivos (masculino/feminino), 01(uma) dispensa, 01(uma) cozinha, 01(um) almoxarifado, 01(um) pátio, uma boa instalação elétrica e hidráulica, conta ainda com 01(uma) caixa d'água e 01(uma) cisterna. No tocante aos recursos humanos a Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, conta hoje com um total de 26 funcionários contratados com distribuição nas seguintes funções: 01(um) diretor, 01(um) secretário, 01(uma) coordenadora pedagógica, 01(um) agente burocrático, 17 (dezesete) professores (as), 02(duas) merendeiras, 02(duas) zeladoras, e 01(um) porteiro, cargos ocupados exclusivamente por indígenas kanindé que passaram por um processo de escolha e apreciação da comissão de assunto escolares formada por um núcleo de lideranças indígena kanindé representadas pelo cacique, o pajé, o presidente da associação indígena kanindé de Aratuba – AIKA, um representante dos pais, um representante dos professores, além do núcleo do estabelecimento de ensino.(PPP, 2015 p.15)

A escola e a comunidade têm uma relação contígua, às lideranças da aldeia e os anciões estão presentes no processo de ensino e aprendizagem na escola de acordo com Santos (2021), os líderes da aldeia e os anciões transmitem saberes tradicionais aos estudantes indígenas. Nisso, vários projetos são desenvolvidos durante o ano letivo como: jogos nativos do povo Kanindé, projetos envolvendo o Ponto de Memória Museu Kanindé, rodas de histórias com guardiões da memória e projetos interdisciplinares. (SANTOS, 2021 p.5).

A escola indígena Manoel Francisco dos Santos conta com um propósito tradicionalmente feito pelas lideranças da aldeia, anciões transmitindo de geração em geração, através da oralidade, a memória coletiva e conhecimento tradicional, em conjunto com os(as) professores(as) fazendo uma ponte entre a educação formal e a informal, entre saberes científicos e saberes tradicionais.

Segundo Bossi (1994) “A lembrança é sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens e lembranças” BOSSI (1994, p. 53). Sendo assim, as lembranças são as resistências de cada um revivendo o passado, conservando suas memórias que pertencem a cada ser humano.

Assim, a memória coletiva sustenta o processo de viver e resistir do povo Kanindé de Aratuba, nesse entendimento destacamos um trecho do PPC da escola em que aponta os desafios do mundo globalizado e o papel do trabalho docente nessa possibilidade de protagonismo social dos alunos e alunas indígenas:

Um Propositivo/Líder - No mundo globalizado em que enfrentamos inúmeros problemas sociais (droga, pobreza, violência). O trabalho do professor indígena vai muito além desse repasse de conhecimento. Ele deve estudar o aluno a desenvolver a autonomia. Um aluno que seja gerenciador, que além de criticidade possa ser apto a estabelecer estratégias alcançar metas, para solucionar problemas. Além de desenvolver o espírito de liderança. Sendo protagonista de seu aprendizado e gerenciador de conhecimento indo além de conceitos estudados, mas a relação desses conceitos em sua vida. (PPP, 2015, p. 9)

Por pressão do movimento indígena em âmbito nacional, o qual reivindicavam um modelo educativo que pautasse a ancestralidade, a memória e a cultura como base para a criação dos currículos e métodos de ensino, uma educação que respeitasse a autonomia e diversidade da comunidade indígena. Hoje esses povos podem desfrutar dessas escolas que são de extrema importância.

A educação brasileira é regida pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB) Nº 9394/96, que regulamenta o sistema de ensino público e privado no Brasil, com objetivo de garantir uma educação gratuita e de qualidade para todos os cidadãos brasileiros. A LDB - Lei nº9.396/96 assegura o direito da escola em reelaborar o seu Projeto político pedagógico (PPP). “a construção do projeto político-pedagógico é um instrumento de luta, é uma forma de contrapor-se à fragmentação do trabalho e sua rotinização” (VEIGA, 1995, p.22). A escola Indígena Manoel Francisco dos Santos tem um projeto que visa melhorias e mudanças de uma realidade e da sua comunidade. É nosso dever, também, cultivar o espírito de luta do nosso povo e a consciência da coletividade como pré-requisitos imprescindíveis à realização do nosso primordial projeto que é a garantia dos nossos direitos e dos nossos territórios demarcados (PPP, 2015, p.7).

O Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola mostra quão importante é uma escola possuir autonomia na sua elaboração, tendo várias pautas identitárias que asseguram uma educação de qualidade formando alunos com outra concepção do que é ser indígena já dizia Freire, "educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo". (PAULO FREIRE). Os alunos frutos dessa escola serão os protagonistas para futuras conquistas.

4 OS(AS) PROFESSORES(AS) INDÍGENAS E O CONTEXTO DA PANDEMIA

O presente trabalho foi desenvolvido com Professores(as) indígenas que atuam no Ensino Fundamental na escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, na comunidade de Fernandes no município de Aratuba localizado estado Ceará. A pesquisa foi desenvolvida através da aplicação de um questionário elaborado na plataforma *Google Formulários*. Na pesquisa foram utilizados nomes fictícios, visando preservar a identidade dos participantes assim, utilizamos pseudônimos de plantas do bioma caatinga sendo os(as) professores(as) chamados de: Angico, Ypê, Bromélia, Carnaúba, Caroá e Cacto.

O questionário foi dividido em três partes. A primeira parte é o termo de consentimento, na segunda parte é sobre os dados pessoais, conjunto de cinco perguntas objetivas e, na terceira parte, teve um conjunto de seis perguntas subjetivas onde os participantes podem expressar livremente.

4.1 O perfil dos docentes entrevistados

Apresentamos a análise do levantamento do perfil do docente da escola. Dos(as) 06 (seis) professores(as) que responderam ao questionário, cinco são do sexo feminino e um do sexo masculino, os docentes possuem idade de 28, 30, 34, 35, 37 anos.

Quanto a formação a formação acadêmica, dos entrevistados(as): 2 (dois) são graduados(as), 2 (dois) com pós-graduação lato sensu, 2 (duas) mestradas dessa forma percebe-se que o nível de formação acadêmica da maioria dos professores(as) é de graduação.

Nas perguntas em relação às disciplinas que as docentes lecionam, das seis professoras que participaram da pesquisa, constatou-se que: dois são polivalentes, um leciona Português Matemática História e Geografia, um leciona Espanhol, um leciona Língua Portuguesa Literatura e Redação e o outro professor Matemática.

Quanto ao tempo de docência, os docentes responderam: 10 anos, 5 anos, 15 anos, 6 anos, 11 anos, 14 anos, nota-se que a maioria dos(as) docentes têm um bastante tempo na docência com mais de dez anos na atuação no ensino fundamental.

4.2 Vozes Docentes: A pandemia e a realidade dos professores(as) Indígenas Kanindé

Os(as) professores(as)³ responderam a 06 (seis) perguntas que compunham o formulário de pesquisa do *google formulários*. A primeira pergunta referia-se à questão das formações continuadas que eles participaram para lecionar durante o ensino remoto. Os(as) professores(as) assim responderam:

Além das formações proporcionada pela coordenação da escola para nos ajudar no manuseio de algumas ferramentas tecnológicas, tivemos cursos ofertado pela Seduc sobre Competências digitais para nos auxiliar no ensino remoto (Angico).

Paic, mais mini curso de como usa o corvan, mini curso de insino híbrido (Ypê)

Formação continuada Mais País Oficinas para uso de ferramentas tecnológicas Profa (Bromélia).

GSAFC - Google Sala de Aula - Formação continuada - 2020.1 e Formações feita pela própria gestão da escola (Carnaúba).

Formação sobre o Google Classroom, Tecnologias Digitais e de Informação e Comunicação" (TDIC) na Educação (Caroá).

Curso de Formação ofertado pele CREDE 08, formações com a própria escola e colegas de trabalho (Cacto).

Segundo os(as) Docentes houve uma formação no uso de TDIC na escola entre os colegas houve senso de trabalho em equipe ajudando uns aos outros a enfrentar esse desafio. A formação dos docentes é a parte fundamental nesse novo contexto da educação tendo em vista que vários docentes não tinham contato e familiaridade no uso de TDIC, é necessário que os docentes estejam sempre participando de processos de formação continuada, pois essa busca influência de forma determinante na formação de qualidade estimulando os docentes a buscarem respostas aos acontecimentos em sala de aula. Assim, a formação possibilita a proximidade e a motivação dos alunos com os assuntos que estão sendo abordados (SANTOS et al., 2013).

Os docentes apontaram em suas entrevistas que participaram de diferentes formações que trabalharam as tecnologias para o ensino, alguns ofertados pela SEDUC (Secretaria da educação) e outros que se realizaram a partir da iniciativa da gestão da Escola. Observamos que há uma participação dos docentes nas atividades de formação continuadas propostas, pois encontram nessas formações alternativas metodológicas para a garantia do processo de ensino e aprendizagem, mesmo num contexto tão abstruso da pandemia.

³ Utilizamos nomes fictícios para resguardar a identidade dos entrevistados/as.

Observamos, de forma clara, a importância das formações continuadas para orientar o trabalho docente no momento do ensino remoto, isso porque a prática educativa deve ser pautada em diferentes concepções teóricas e metodológicas, atendendo as concepções da comunidade escolar indígena. Para Freire

Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. O seu “distanciamento” epistemológico da prática enquanto objeto de sua análise, deve dela “aproximá-lo” ao máximo. Quanto melhor faça esta operação tanto mais inteligência ganha da prática em análise e maior comunicabilidade exerce em torno da superação da ingenuidade pela rigorosidade. Por outro lado, quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou as razões de ser de porque estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar, de promover-me, no caso, do estado de curiosidade ingênua para o de curiosidade epistemológica. Não é possível a assunção que o sujeito faz de si numa certa forma de estar sendo sem a disponibilidade para mudar. Para mudar e de cujo processo se faz necessariamente sujeito também (FREIRE, 1996; p. 21)

Tendo vista disso, que os professores indígenas também efetivam atividades didático-pedagógico visando o diálogo com os antepassados, com ancestralidade e os saberes tradicionais, a fim de que o conhecimento seja preservado e contextualizado de acordo com a realidade atual, valorizando, sobretudo, esses saberes tradicionais do povo Kanindé.

Na segunda pergunta, os docentes foram perguntados sobre as dificuldades enfrentadas no desenvolvimento de seu trabalho docente no uso das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) durante o ensino remoto.

Bom no início tive muitas felicidades onde não sabia praticamente mexe em nada na área da tecnologia, mas os poucos e com muito esforço e ajuda dos amigos e direção da escola fui mim adaptando e hoje já posso dizer que aprendi muito (Angico).

Uso de algumas ferramentas tecnológicas (Ypê)

Sempre tive dificuldades em acessar a tecnologia e em manusear ferramentas digitais. Também tinha dificuldades em criar reuniões e aulas online mais com a ajuda das formações fui adquirindo habilidade necessária para repassar o conteúdo para os alunos (Bromélia)

Acredito que por eu ter habilidade com o uso da tecnologia eu não tive tanta dificuldade, a única dificuldade foi manuseio de algumas plataformas digitais disponibilizada pela Seduc, pois eram novas e tinha sido o meu primeiro acesso a elas. Mas tirando isso acredito que o desafio maior dos docentes é em não possuir ferramentas adequadas para o desenvolvimento de suas atividades (Carnaúba)

Lidar com Programas e aplicativos de certa forma ainda desconhecidos pra mim pois alguns não me eram necessários nas aulas presenciais e por isso não busquei conhecer até essa necessidade surgir, a falta de equipamentos de qualidade pois meu celular não tinha muita capacidade de armazenamento para tantos aplicativo e funções agora essenciais, adaptação a nova rotina e horários flexível a cada grupo de aluno

atendendo as especificidades de cada um como falta de celular, de internet, disputar o tempo dos alunos com as ações de casa e trabalho, o próprio medo das câmeras para fazer aulas online a timidez e a atenção da turma que tinha que ser conquistada a cada dia em cada aula cada ação.(Caroá)

Falta de internet e dispositivos para os alunos, como trabalho no LEI laboratório de Informática não tive muitas dificuldades (Cacto)

Segundo os docentes, a maior dificuldade é a habilidade e o manuseio das TDIC, o uso dessas ferramentas não fazia parte da elaboração ou até na aplicação das regências e muitos docentes não utilizavam esses recursos antes da pandemia nas aulas presenciais. No contexto pandêmico viram a necessidade de apropriação acerca desse conhecimento de tecnologias digitais da informação e comunicação e sua utilização no processo de ensino e aprendizagem. Com as aulas remotas, a importância no uso das TDIC tornou-se evidente, portanto, com essas informações a formação dos professores deve ser levado em consideração o uso das TDIC, assim afirma Araripe (2020).

A construção de referenciais de competências para a inserção das TDIC nos cursos de formação inicial de educadores tem sido uma tendência mundial, além de se fortalecer como uma importante estratégia para melhorar os níveis de apropriação das TDIC nos processos de aprendizagem formal e não formal. Mais ainda, considerando a velocidade das transformações digitais da contemporaneidade, é urgente investir no desenvolvimento das competências digitais de todos, incluindo os educadores (ARARIPE et al, 2020, p. 8).

Diante disso, nota-se que a falta de internet e dispositivos adequados pelos alunos e alunas foi um fator apontado pelos(as) professores(as) entrevistados(as). Assim como a própria realidade docente aponta a ausência de recursos tecnológicos para uso pessoal, levando em consideração a desigualdade socioeconômica do país, refletindo diretamente na educação dos alunos que carecem de dispositivos para acompanhar as atividades escolares “muita das famílias indígenas não têm aparelhos telefônicos ou outro aparelho tecnológico para que possam possibilitar aos alunos o acompanhamento das aulas remotas” (SANTOS, 2021 p.4).

Nesse cenário educacional atual, é necessário apontar que a qualidade do acesso a TDIC depende de políticas públicas no campo educacional, pois, na realidade concreta, a disponibilidade e o acesso a essas tecnologias ainda é incipiente. A qualidade desse acesso é determinante nos processos educativos e para a construção do conhecimento escolar no Brasil, especificamente, para os brasileiros mais pobres.

A terceira pergunta feita aos docentes referiu-se: como a escola indígena do povo Kanindé está se adaptando a este novo modelo de ensino remoto?

Acredito que estamos muito bem, na qual atendemos todos os nossos alunos tanto online como o impresso, e não esquecendo da busca ativa que é realizada uma vez por mês (Angico)

Vem promovendo estudos e apoio ao desenvolvimento e acompanhamento para auxiliar nas nossas aulas remotas (Ypê)

A escola está sempre preocupada em atender os alunos da melhor maneira possível, Pensando nisso a escola promove sempre atividades que façam com que o aluno participe. Palestras, seminários e as próprias aulas online ajudam ao professor nesse momento que estamos vivendo. A escola sempre faz a busca ativa e orienta os professores nas metodologias a serem feitas (Bromélia).

Apesar de estamos vivenciando um momento difícil, a escola vem se adaptando muito bem a esse novo ensino, e tudo isso se dar pela grande equipe de funcionários que escola tem, que não medem esforço para ajudar um ao outro. Acredito que escola vem se adaptando ao ensino remoto pelo simples fato de ter um trabalho coletivo, de ser uma escola organizada que sempre procura dar o melhor para seu aluno, além de ter uma coordenação que auxilia no desenvolvimento das atividades a distância, sempre ajudando em tudo que for preciso! (Carnaúba)

No primeiro ano foi bem difícil para todos precisamos de muito apoio foram criadas ações para manter os alunos assíduos, a escola sempre buscou solução para as dificuldades encontradas tentado amenizar a dificuldade foi criados grupos, planilhas para preenchimento e salvamento de dados. Comprobatórios do trabalho realizado. E a união de todos em prol do bem da escola dos alunos, sempre se ajudando (Caroá)

No início tivemos muitas dificuldades porem com planejamento organização e apoio de todos a escola se adaptou de forma bem concreta e realizando tanto as atividades da grade curricular normal com as atividades diferenciadas. porem com algumas dificuldades mais buscando resolver ou amenizá-las no decorrer da atividade. Até mesmo professores que tinham dificuldades em relação as tecnologias se adaptaram aos novos mecanismo e foram além disso na produção de materiais com formulários, vídeo aulas, etc (Cacto).

Segundo relatos dos(as) professores(as) a escola adaptou muito bem o modelo de ensino remoto, com o envolvimento constante com várias ações possibilitou uma adaptação concreta para facilitar o acesso dos alunos e alunas a aulas e conteúdos curriculares. Destaca-se que alguns professores(as) apontam suas dificuldades iniciais nesse processo do ensino remoto, criaram estratégias para ensinar “*on-line*”, uma delas que destacamos o envio de material impresso aos alunos e alunas em suas casas.

Também a organização escolar apontou a busca ativa dos(as) alunos(as), o que significou que a ausência dos alunos foi sentida mesmo no ensino remoto. Outro elemento importante apontado nas entrevistas e aprendizagem coletiva, aqueles que não tinham tanta familiaridade com as TDIC puderam contar com apoio dos colegas nessa apropriação do saber tecnológico. A escola como um todo organizou-se para enfrentar esse momento do isolamento social em contexto pandêmico.

Segundo Libâneo (2011) dentro desse contexto da sociedade informacional a sobrevivência da escola depende da sua possibilidade de se recriar, e assumir a apropriação das tecnologias educacionais como um aspecto importante do projeto escolar. Ainda, destaca que a escola não perderá o seu lugar para os novos meios de comunicação, pois, além do seu valor sociopolítico, a escola é indispensável à formação de toda uma geração que vai ser protagonista na sociedade. A escola deve ser um lugar em que os alunos possam aprender a criticar e a dar sentido às informações veiculadas através de vários modos.

Nesse sentido, temos que reconhecer que nesses anos de 2020 e 2021 os professores também recebem o impacto das novas tecnologias digitais da comunicação e da informação, sendo “obrigados” a uma apropriação aligeirada e urgente. É necessário nesse contexto do uso das tecnologias em que os professores(as) se tornaram mediadores para a construção do saber fazer e do saber usar, sem perder de vista o valor social e cultural do saber tradicional do povo Kanindé. Nesse sentido, é mais que necessário que os professores superem a sua resistência às novas tecnologias informacionais, vendo-as não como inimigas ou substitutas, mas como aliadas na luta por uma educação de qualidade.

Seguindo essa reflexão sobre a importância dos saberes tradicionais aliados aos saberes científicos, em que um complementa o outro. Fizemos a quarta pergunta, perguntamos aos docentes como os Guardiões da Memória estão atuando durante a formação de professores e as aulas na transmissão dos saberes tradicionais do povo?

Nossos guardiões da memória tem nós ajudando bastante nas nossa rodas de conversar e nas palestras online , repassando seus saberes e tradição para os nossos curumins e professores (Angico)

Com palestras de forma virtual assim podem repassar seus conhecimentos e nossa cultura de forma remota (Ypê)

Nas palestras e seminários ministrados pela escola o guardião tem dado a sua participação em falas, saberes e relatos de suas vidas. Sempre em parceria com a escola. Eles são os nossos exemplos a serem seguidos. Com conselhos e um legado que vamos levar pra vida toda (Bromélia)

Apesar dos guardiões não terem o domínio do uso da tecnologia e também de ser algo novo para eles, mas isso não foi um obstáculo para eles, pois sempre tiveram presentes nas atividades da escola, e nesse momento não seria diferente, vejo que estão atuando de forma mais ativa, podendo participar e atuar mais ainda nas atividades da escola. (Carnaúba)

Atuam de forma satisfatória, participativa, dão palestras, entram nas lives, assistem apresentação das atividades realizadas pelos alunos e contribuem sempre com seus ensinamentos (Caroá)

Como ocorreu toda uma readaptação as lideranças também tiveram que adentra neste mundo tecnológico, assim de acordo com as atividades propostas as lideranças passaram a participar dos momentos virtuais através de lives e palestras realizadas pela escola entre outros momentos de partilhas de conhecimento (Cacto)

Segundo os(as) docentes os *guardiões da memória*, participam nas aulas remotas, nas palestras, embora tendo dificuldades na adaptação com aparatos tecnológicos e uso de Mídias, superaram as dificuldades para participarem do momento coletivo das aulas remotas, dando sua contribuição e fazendo a transmissão dos saberes tradicionais que sustenta a coletividade do povo Kanindé. “membros considerados *guardiões da memória* por serem as pessoas com mais experiência que contribuiram no trabalho de resgate da memória dos antepassados para as novas gerações.” (SILVA, 2016 p.13).

Diegues (2000) afirma que o saber tradicional é composto pelo “conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural e sobrenatural, transmitido oralmente, de geração em geração”. (DIEGUES, 2000, p. 31). Apontam a importância da capacidade de o indivíduo utilizar técnicas para processar a prática do conhecimento sobre o ato de fazer alguma coisa, seja ela de cunho natural ou sobrenatural, sendo que esse aprendizado é compartilhado oralmente entre as gerações, pois a diversidade dos saberes tradicionais resulta no processo de socialização e interação, independente se o saber é científico ou tradicional. Esses saberes têm uma relação direta na cultura e modos de vida dos povos tradicionais no Brasil.

Nesse sentido, destaca-se a escola indígena como espaço formativo fundamental das novas gerações, apontando o papel importante dos "*guardiões da memória*" na formação étnico-cultural da geração que hoje encontra-se no espaço formativo escolar.

Na quinta pergunta, perguntamos aos docentes sobre os impactos da pandemia na sua vida profissional e na sua vida pessoal?

Bom foi um momento muito difícil não só pra mim mas para todos nós da aldeia, foram dias de muito pânico, nossa criança eram livres como pássaros e de repente foram trancado numa gaiola sem poder pelo menos ir na casas de nossos pais, as vezes chorava muito quando um aluno dizia tia posso te dá um abraço, e eu respondi ainda não aquilo mim doía muito, mas tenho fé em pai Tupã que logo, logo iremos está juntos novamente. Hoje eu tenho muito medo de volta a sala de aula novamente porque não sabemos o que pode acontecer” (Angico)

Problemas psicológico como ansiedade e stress com a falta de contato pessoalmente com os colegas de trabalho e os alunos (Ypê)

Sempre fica algo em nossas vidas que faz com que a gente pense e medite um pouco pelo que estamos passando. As vezes insegurança, medo de não está fazendo talvez o que é correto pela gestão ou até mesmo pela creche. Ou até mesmo quando a gente dar o nosso melhor e não é reconhecido pelos alunos, comunidade escolar ou pela CREDE. A pandemia veio para mostrar o que é importante em nossas vidas, o que é importante na família e o que estamos fazendo para cuidar da nossa mente mesmo.

Somos em algumas vezes falhos mais nunca desistimos de dar o melhor para os nossos alunos. Pois eles precisam de nós. Embora a gente passe por tudo isso nós nunca vamos desistir de lutar por eles, porque a educação é sim o melhor caminho para o futuro. Embora na maioria das vezes nossa mente não esteja bem mesmo assim estamos prontos para ajudar os alunos no que precisarem e jamais vamos deixar que eles sigam sozinhos” (Bromélia).

Com a chega da pandemia, ela nos privou de muitas coisas, a vivencia na escola com nossos alunos, nossos momentos culturais com nossas lideranças e guardiões presencial, interrompeu o dialogo mais próximos com nossos amigos e alunos, os abraços, passeios e fez com que mudasse totalmente a nossa rotina profissional e pessoal, tivemos que aprender a conviver longe das pessoas que mais amamos (Carnaúba).

Com certeza bastante negativo pois profissionalmente me tornei mais ansiosa, insegura com relação as minhas ações profissionais muito medo de não dar conta, de errar, na vida pessoal alguns desentendimento em família devido ao estresse nova rotina em casa e vários problemas de saúde, como ansiedade, enxaqueca, insônia, e outros que de certa forma foram desencadeado pela atual situação vivenciada (Caroá)

Na vida profissional o distanciamento da escola e dos alunos principalmente tendo em vista que o aprendizado não e só para os alunos pois aprendemos muito no cotidiano da escola. na vida pessoal o distanciamento também da universidade tendo apenas aulas virtuais tendo em vista que no mestrado os discursões são mais aprofundadas ficando um pouco diferente na forma virtual (Cacto)

Alguns docentes apresentam casos de ansiedade e nervosismo, segundo Reis (2006) nervosismo é uma reação ao estresse e está associado aos sentimentos de esgotamento, impaciência e frustração que emergem da experiência individual de contrariedade em exercer seu trabalho pois ensinar se tornou uma atividade desgastante, com repercussões evidentes na saúde física, mental e no desempenho profissional (REIS et al., 2006). Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), a profissão docente é considerada como uma das mais estressantes, uma profissão de risco. Refere-se também à presença da síndrome de *burnout*⁴ entre os professores (OIT, 1984).

A maioria dos(as) professores(as) entrevistados apontam uma angústia, inseguranças no exercício docente e na oferta de uma educação de qualidade para seus alunos e alunas. Há de se destacar que diante dessa angústia geradora de sofrimento, da ausência da presença física, da perda de membros da Aldeia. Os(as) professores(as) são movidos por uma fé no Deus Tupã, que virá nos socorrer neste momento de sofrimento. E essa resistência cultural, religiosa e política que possibilita aos professores indígenas resistirem juntos, colaborando um com outro, se apoiam. Segundo Brandão (2002) “a educação é por toda a vida, que acontece pela vivência solidária que envolve a vida de cada pessoa”. (BRANDÃO, 2002, p. 293-294).

⁴corresponde à resposta emocional a situações de estresse crônico em razão de relações intensas (REIS et al, 2006, p.232)

Na comunidade indígena de Aratuba, a escola e os(as) professores(a) estão se reinventando, aprimorando estratégias, práticas que se incorporam a partir de seus saberes docentes e dos saberes que advém da sua formação inicial e continuada. Estão reelaborando os saberes docentes e científicos a partir da aproximação com a história da aldeia e das histórias pessoais de vida, da memória coletiva e da cultura local, que é um alicerce para a construção da identidade do professor indígena.

Na última pergunta, perguntamos aos docentes sobre as estratégias/metodologias de ensino que utilizam para ministrar as aulas e outras atividades pedagógicas na sala de aula virtual ou fora da sala de aula.

Minhas aulas são através de Meet, vídeos gravados, biblioteca virtual. Para os alunos que não tem acesso as aulas virtuais é entregue material impresso e livros de leitura. (Angico)

O acompanhamento na entrega de material impresso, conversa virtual através do grupo de whatsapp, aulas online através do google meet explicações de aulas através do google canva onde grava-se aulas mostrando o conteúdo a ser estudado, vídeos através do canal criado no YouTube (Ypê)

A pandemia chegou para nos desafiar em nossas práticas tanto profissional como emocional. O novo sempre dar medo, receio de fazer e não dar certo, assim nós profissionais da educação tivemos que nos reinventar para dar as aulas. Pesquisar em diversos espaços digitais. deixar a timidez de lado e aparecer em vídeos conferencias, vídeos de contação de histórias e conversar individualmente com os alunos para saber como estavam, enfim foram várias as formas que utilizamos para dar as nossas aulas, formulários no google sala de aula, textos e sugestões de filmes e livros para aprofundar a aprendizagem. Pesquisas no youtube sobre vídeos motivacionais para que o aluno não se sentisse só nesse momento em que estamos vivendo esta pandemia. Pesquisa feita sobre como alfabetizar à distância e que o aluno continuasse com o gosto pela leitura mesmo distante. E assim foram as nossas estratégias para que o educando não desistisse dos estudos, fora as busca ativas que os professores tiveram que fazer para que os alunos não deixassem de estudar (Bromélia)

Nesse cenário pandêmico, tivemos que adotar novas metodologias em nossas aulas como: aulas virtuais, seminário, utilizar formulários do google e fazer gravações de vídeos (Carnaúba)

Aulas dinamizadas pra atrair atenção, momento de escuta e acolhimento dos alunos que também estão afetados emocionalmente, trabalho com projetos interdisciplinar para abordar assuntos que envolva a cultura e outros temas relevantes neste momento como saúde emocional, violência doméstica, agricultura, atendimento individual com alunos mais vulneráveis (Caroá)

A escola se adaptou a aulas virtuais e materiais impressos para alunos sem acesso tecnológico assim as estratégias foram varias desde trabalhos voltados ao cotidiano dos alunos ate o livro didático. no formato virtual, aulas pelo Meet, palestras, desafios, pesquisas, etc. (Cacto)

Segundo os docentes usam uma variedade de plataformas para ministrar aulas e outras atividades como *google meet*, material impresso, *Youtube*, vídeos gravados *WhatsApp*.

Observamos que todos os professores(as) estão empenhados em ajustar os(as) aluno(as) na superação das dificuldades impostas pelo momento histórico que vivemos. Há nas vozes dos professores um profundo comprometimento com a educação escolar indígena, com a aldeia e com uma educação de qualidade.

Mesmo diante das dificuldades de acesso às TDIC, da ansiedade, do impacto causado pela pandemia, pela mudança da lógica dos espaços e tempos escolares. Os professores não parecem desanimados, muito pelo contrário vão do giz e lousa virtuais para o material impresso que deve chegar ao aluno(as) que não tem nenhum acesso às TDIC.

Como afirma Freire, é preciso ter alegria e esperança para ser educador:

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria. Na verdade, do ponto de vista da natureza humana, a esperança não é algo que a ela se justaponha. A esperança faz parte da natureza humana. Seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, primeiro, o ser humano não se inscrevesse ou não se achasse predisposto a participar de um movimento constante de busca e, segundo, se buscasse sem esperança. A desesperança é negação da esperança. A esperança é uma espécie de ímpeto natural possível e necessário, a desesperança é o aborto deste ímpeto. A esperança é um condimento indispensável à experiência histórica. Sem ela, não haveria História, mas puro determinismo. Só há História onde há tempo problematizado e não pré-dado. A inexorabilidade do futuro é a negação da História (FREIRE, 1996; p. 36).

É nessa perspectiva que estão inseridos os(as) professores(as) indígenas da Escola Manoel Francisco dos Santos, educam com alegria e esperança, buscam alternativas metodológicas e estratégias de superação das dificuldades impostas pelo momento do uso extensivo das TDIC, mas não desistem não lamentam, não se queixam. São educadores da resistência!

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou compreender a situação vigente da educação indígena, no ensino remoto, a partir da visão dos(as) Docentes da Escola indígena Manoel Francisco Santos na comunidade Fernandes no município de Aratuba (CE). A pesquisa revelou uma boa desenvoltura das docentes participantes, no processo de ensino e aprendizagem perante um contexto pandêmico no uso das TDIC nas atividades escolares, lidando com falta de recursos tecnológicos como a internet e equipamento eletrônicos TDIC por partes dos alunos, se adequando a realidade da comunidade usando estratégia/metodologias bem como materiais impresso, encontros através do *google meet*, aulas/vídeo gravados, seminários, Aulas dinâmicas com acolhimento dos alunos e suporte emocional. O isolamento social gerou problemas Psicológicos em algum dos(as) Docentes entrevistados(as): como ansiedade, angústias e insegurança, o isolamento afetou as relações humanas, distanciando familiares, amigos e conhecidos.

O ensino remoto pôs em evidência desigualdade social existente no país, tendo vista que vários estudantes não disponibilizam condições de acesso à internet a equipamentos de qualidade para poder participar das aulas os colocando em desvantagem aos demais alunos. O uso das TDIC foi um desafio para alguns docentes indígenas entrevistados afirmando que não faziam parte das suas regências no ensino regular, apesar de tudo conseguiram adquirir a habilidade de manusear as TDIC para atividade escolar.

Portanto, o uso das TDIC se tornou necessário nesse contexto pandêmico é de extrema relevância que a tecnologia seja aliada da educação de forma contínua, a tecnologia tornou-se como mediação usado pelos(as) professores(as) indígenas para a construção do saber fazer e do saber usar, sem perder de vista o valor social e cultural do saber tradicional do povo Kanindé. Nesse sentido, é necessário que os professores superem a sua resistência às novas tecnologias informacionais, e vendo as TDIC como aliadas na luta por uma educação de qualidade.

REFERÊNCIAS

ARARIPE, J. P. G. A.; LINS, W. C. B. **Competências Digitais na Formação Inicial de Professores**. São Paulo: CIEB; Recife: CESAR School, 2020. E-book em pdf.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembrança de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, C. R. **A educação popular na escola cidadã**. Petrópolis, RJ, Vozes, 2002.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.html>

_____. **Diretrizes e Bases para a política nacional de educação escolar indígena**.

Brasília: MEC, 1993.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/1996, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: 2ª versão revisada, 2016

_____. OMS organização mundial da saúde. Disponível em:

<<https://www.who.int/countries/bra/>>. Acesso em: 10 jul. 2021.

CALDART, R. S. **Caminhos para transformação da escola: reflexões desde práticas da Licenciatura em educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

CEARÁ. **Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos. Povo Kanindé. Projeto Político-Pedagógico**. Sítio Fernandes, Aratuba-CE, 2015.

_____. **Decreto nº 33.510**, decreta situação de emergência em saúde e dispõe sobre medidas para enfrentamento e contenção da infecção humana pelo novo coronavírus. Fortaleza, CE,

mar de 2020. Disponível em:

<http://imagens.seplag.ce.gov.br/PDF/20200316/do20200316p01.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2021.

CAMARGO, D. M. P.; ALBUQUERQUE, J. G. **Projeto pedagógico Xavante: tensões e rupturas na intensidade da construção curricular**. Cadernos CEDES [online]. 2003, v. 23, n. 61 [Acessado 7 Agosto 2021] , pp. 338-366. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-32622003006100006>>. Epub 12 Fev 2004. ISSN 1678-7110. <https://doi.org/10.1590/S0101-32622003006100006>.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico**. Revista USP, São Paulo, n. 75, p. 78-84, setembro/novembro de 2007. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/75/08-manuelacarneiro.pdf>. Acesso em: 30/06/21.

DIEGUES, António Carlos (Org.). **Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil**. São Paulo: MMA/COBIO/NUPAUB/USP, 2000.

FRANCO, Roberto Kennedy. G. L, Francisco Wallison Batista de. **O protagonismo da educação escolar indígena com o povo kanindé de aratuba-ce**. Revista labor, v. v. 1, p. 97-115, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (org). **Formação de professores indígenas: repensando trajetórias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

GADOTTI, Moacir. **Pensamento Pedagógico Brasileiro**. São Paulo: Ática, 1995.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. RAE – Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GOMES, A. O. **Aquilo é uma coisa de índio: objetos, memória e etnicidade entre os Kanindé do Ceará** Dissertação de Mestrado em Antropologia Universidade Federal de Pernambuco- Recife, p.322. 2012.

LANA, Raquel Martins et al. **Emergência do novo coronavírus (SARS-CoV-2) e o papel de uma vigilância nacional em saúde oportuna e efetiva.** Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 36, n. 3, p. 1-5, 2020.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus Professor, Adeus Professora? Novas exigências educacionais e profissão docente.** 13 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LIMA, Francisco Wallison Batista . **História da educação escolar indígena no Ceará: ancestralidade, interculturalidade e resistência étnicas dos kanindé de Aratuba-ce e dos Pytaguary de Pacatuba-ce.** Campina Grande, Vol. 1 Ed. 4, ISSN 2316-1086, Realize editora, 2015.

LUCIANO, G. J. S. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje.** Coleção Educação para todos. Brasília: MEC/Secad; LACED/Museu Nacional, 2006.

MINAYO, M. C. de S. [et al.] (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes,1994.

MUÑOZ. **A experiência internacional com os impactos da COVID-19 na educação.** Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/85481-artigo-experiencia-internacional-com-os-impactos-da-covid-19-na-educacao/> Acesso em 21 junh.2021.

OLIVEIRA, Mara Rita D. et al. **A Formação Docente e as Tecnologias Digitais na Unilab: Em contexto de pandemia do covid-19** Científica Digital, São Paulo 2021.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **A condição dos professores: recomendação Internacional de 1966, um instrumento para a melhoria da condição dos professores.** Genebra: OIT/ Unesco, 1984.

PEREIRA, Isaú Martins. **Ensino de ciências em tempos de pandemia: desafios e possibilidades no uso de plataformas digitais no município de Aracoiaba-CE**. Monografia Curso de Ciências Biológicas, Instituto De Ciências Exatas E Da Natureza, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Redenção, p.44. 2021.

PPP, **Projeto político pedagógico** Escola indígena Manoel Francisco dos Santos. Disponível em:<https://ceartransparente.ce.gov.br/attachments/-atualizado.pdf><https://ceartransparente.ce.gov.br/attachments/92bef66641d5d19446f17b47a9dec7d54b1b5519/store/f4cf18833ecffb30208c67062b6e8e57dfd1e145336f150848f5ff4a682f/ppp-atualizado.pdf>>. Acesso em: 5 mai. 2021.

REIS, Eduardo J. F. Borges dos et al. **Docência e exaustão emocional. Educação & Sociedade** [online]. 2006, v. 27, n. 94 [Acessado 12 Junho 2021], pp. 229-253. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-73302006000100011>>. Epub 29 Maio 2006. ISSN 1678-4626.

REIS, L. G. **Produção de Monografia da teoria à prática: O Método Educar pela pesquisa (MEP)**. 4. ed. Brasília: Senac-DF, 2012.

SANTOS Willian S.; MARTINS Roberto S. **Sujeitos e Educação do Campo: As representações do pescador artesanal no currículo**. Revista Mundi Sociais e Humanidades. Curitiba, PR, v. 3, 2018.

SANTOS, A. H. D. et al. Congresso Nacional de Educação - EDUCERE, XI, Curitiba, Universidade católica do Paraná. **Anais Eletrônicos**, 2013. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/9474_6573.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2021.

SANTOS, António Nilton G et al. **O impacto da Pandemia na escola indígena Manoel Francisco dos Santos' e a Manutenção dos saberes Tradicionais**. Resumo semana universitária Da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Redenção, p.7. 2021.

SIASI-DISEI, **Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena** – Distrito Sanitário Especial Indígena do Ceará. DISEI-CE. Ceará, 2018.

SILVA, Domingas. **Guardiões da memória: trajetórias e identidade dos Kanindé de Aratuba-CE.** Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras Da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Redenção, p.74. 2016.

VEIGA, Ilma P.A. **Projeto Político-Pedagógico da Escola: Uma Construção Possível.** Campinas. São Paulo: Papirus, 1995.

XAVIER, Antônio Roberto; VASCONCELOS, José Gerardo. **Índios kanindés: memória, identidade e educação.** Pesquisas Pós-doutorais em história e memória da educação. Fortaleza: Impreco, p.17-36. 2018.

APÊNDICES

APÊNDICE -A

TERMO DE CONSENTIMENTO

Sou aluno Manuel Jesus Moreira Borges, aluno da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB). Estou conduzindo um estudo “As experiências de professores(as) Indígenas da Escola indígena Manoel Ferreira dos Santos no contexto da pandemia do covid19”. Para tanto, a pesquisa consiste em entrevistar os professores indígenas da referida Escola Campus. Fica garantido que os entrevistados não serão identificados e tudo que for dito durante a entrevista permanecerá confidencial. O/a entrevistado/a pode desistir de realizar a entrevista em qualquer momento sem que haja prejuízo, principalmente quando não se sentir à vontade para continuar participando da pesquisa na condição de informante. Este formulário serve para comprovar que você está de acordo em ser entrevistado e em participar integralmente da pesquisa.

O (a) Sr(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo, mas se autorizar estará visível a identificação nas citações. Para qualquer outra informação, o (a) Sr.(a) poderá entrar em contato com o pesquisador no endereço Quintino Cunha 321, Fortaleza pelo telefone: (85)985944937 ou pelo e-mail jayrborgea.cv@gmail.com.

APÊNDICE - B**ROTEIRO DE ENTREVISTA**

Nome?

Idade?

Formação Acadêmica?

Disciplinas ministradas?

Tempo na docência no ensino fundamental?

Quais as formações continuadas os Professores indígenas da escola indígena Manoel Francisco dos Santos participaram para lecionar durante o ensino remoto?

Quais as dificuldades enfrentadas no desenvolvimento de seu trabalho docente no uso das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) durante o ensino remoto?

Como a escola indígena do povo Kanindé está se adaptando a este novo modelo de ensino remoto?

Como os guardiões da memória estão atuando durante a formação de professores e as aulas na transmissão dos saberes tradicionais do povo?

Quais o impacto a pandemia trouxe na sua vida profissional e na sua vida pessoal?

Quais estratégias/metodologias de ensino que utiliza para ministrar as suas aulas e outras atividades pedagógicas na sala de aula virtual ou fora da sala de aula?